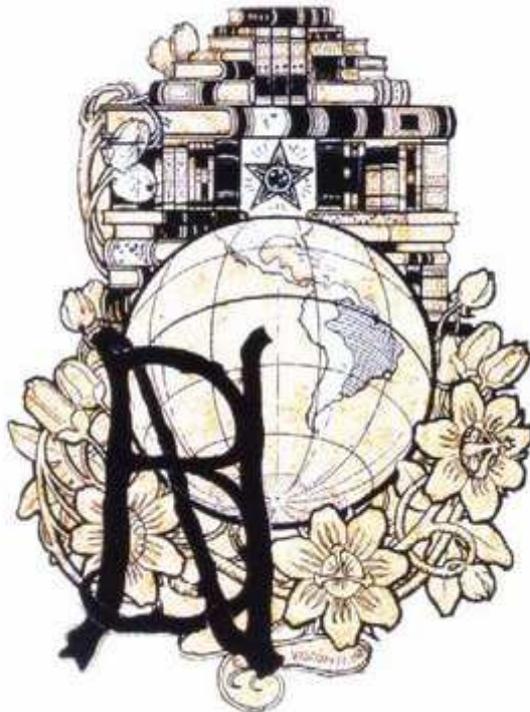


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2006

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Ana Letícia Pires Leal Câmara



A bala que encontra cada vez mais vítimas

2006

A bala que encontra cada vez mais vítimas

Ana Letícia Leal

O título é o mesmo de uma reportagem publicada no jornal O Globo, em 07/08/2005.¹ A matéria, de página inteira, apresentava dados sobre a frequência de balas perdidas no Grande Rio. Baseada em registros de fatos ocorridos desde janeiro daquele ano, informava que os 98 casos de balas perdidas do período haviam resultado em 19 mortes. Portanto, pelo menos duas pessoas por mês haviam morrido atingidas por “tiros sem direção”. Às imagens de sete pessoas – cinco das vítimas e dois parentes –, somava-se a transcrição da redação escolar de um menino de 12 anos que fizera um desabafo sobre a morte do pai.

As estatísticas iam ao encontro do que se dizia então. A bala perdida vinha mesmo pondo a morte nas mesas de jantar dos lares cariocas. O azar de ser atingido, a força do acaso, assustava as pessoas. Passavam a ser conhecidos casos de indivíduos que, aleatoriamente, eram atingidos até mesmo dentro de suas residências, localizadas em bons bairros da cidade. O acaso, além de incontrolável, despersonaliza a morte. É difícil aceitar que uma pessoa morra porque, por um instante, divide o mesmo espaço com um projétil.

Além das matérias sobre as balas perdidas, outros textos publicados no mesmo jornal, ao longo do mesmo período, tematizam o conflito entre os habitantes da cidade e a violência urbana. Crônicas assinadas por colaboradores fixos de O Globo, artigos de autores bissextos e, principalmente, as cartas de leitores expressam a necessidade de reagir.

O curitibano Felipe Roehe passou poucos dias na cidade e não pretende voltar: “No dia 27/12, presenciei um assalto a mão armada na rua da Carioca, no Centro, com cerca de 14 PMs correndo atrás de dois elementos”, descreve. “Dia 02/01, troca de tiros entre PMs e traficantes no túnel da avenida Princesa Isabel, próximo ao Rio Sul”, continua. “Dia 09/01, arrastão na areia do Leme seguido de rajadas de metralhadora por volta das 14h”, lembra. Como se não bastasse, o curitibano ainda viu “umas 12 pessoas feridas em um micro-ônibus na Princesa Isabel por volta das 18h”. Para completar, o

¹ AMORA, Dimmi. “A bala que encontra cada vez mais vítimas”. In: O Globo, 07/08/2005, p. 29, Primeiro Caderno, Editoria Rio.

motorista de táxi que o levou ao aeroporto para fazer a viagem de volta contou que acabara de ser assaltado. “Tenho namorada no Rio e vou fazer o possível para tirá-la da área de guerra civil”, protestou.²

É por situações extremas assim que o antropólogo Néstor García Canclini pergunta se nas grandes cidades ainda podem existir histórias:

Concluo perguntando se poderemos narrar de novo a cidade. Em nossas metrópoles dominadas pela desconexão, atomização e falta de sentido podem existir histórias? Já não cabe imaginar um relato organizado a partir de um centro, nem histórico nem moderno, do qual se traçaria um único mapa de uma cidade compacta que deixou de existir. A esta altura, só vislumbramos reinvenções fragmentárias de bairros ou zonas, superações pontuais do anonimato e da desordem mediante a valorização de signos de pertencimento e de espaços múltiplos de participação.³

Para Canclini, portanto, a palavra “histórias” designa um conjunto de “relatos organizados” a partir de uma cidade cuja totalidade se perdeu, deixando para os dias de hoje apenas “fragmentos” cujos habitantes seriam incapazes de produzir narrativas. Assim, “narrativas” seria um sinônimo de “histórias” e estas teriam sempre um sentido totalizante.

Trata-se do livro *Consumidores e cidadãos*, publicado inicialmente em 1995. Considerando os sentidos dispersos da cidade latino-americana na atualidade, o autor, que é argentino e vive no México, constata não ser possível representar a cidade pós-moderna como se representava a moderna. Os narradores do jornal carioca, pelo menos, deixam claro que desejam representar a sua, dando novos sentidos – que só podem ser parciais – até mesmo à violência urbana e à bala perdida.

Eles propõem dois caminhos para uma resistência que levaria à solução da violência na cidade. Em primeiro lugar, o resgate da cidadania pelo poder público; em segundo lugar, o resgate da cidadania por uma mudança na atitude do próprio cidadão. Um terceiro caminho parte do princípio de que não existe solução para a violência. Surgem daí propostas que viabilizam a cidade assim mesmo.

Maria Silvia Bastos, por exemplo, destacou que nas ruas do Rio ocorrem até mesmo lançamentos de granadas. Tiroteios em vias públicas, balas perdidas e execuções

² ROEHE, Felipe. “Não ao Rio”. In: O Globo, 21/01/2005, p. 6, Primeiro Caderno, Editoria Opinião, Seção Cartas dos Leitores.

³ CANCLINI, Néstor García. “Narrar o multiculturalismo”. In: _____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, pp. 115-126.

de policiais também são citados por ela. Para Maria Silvia, que já foi presidente da Companhia Siderúrgica Nacional e também secretária de Fazenda do Município do Rio de Janeiro, o carioca precisa admitir o caos: “O primeiro passo é parar de fingir que estamos vivendo uma vida normal. Que nada está acontecendo. Que é possível acordar e sair de casa pela manhã, normalmente, após os acontecimentos do dia ou da noite anterior”, afirma.⁴

O leitor Luiz de Castro também aponta uma solução possível na mudança de atitude da sociedade. Lembrando as Diretas Já, em 1984, e o protesto dos “caras pintadas”, em 1992, ele provocou: “Onde está esse poder de mobilização que antes era tão farto e comum quando a população ficava indignada vendo seus direitos lhe serem tomados? Só com passeatas, mobilização intensa, é que conseguiremos mudar esse estado de coisas”, escreveu.⁵

O colunista Arnaldo Jabor acredita que a mobilização já começou. Ele diz que vê não só o protesto, mas também a ação: “A desfusão dos dois estados e a volta da Guanabara já é um tema fervilhante”, pensa. “Há pessoas seriíssimas estudando o assunto, sem contar outros grupos pensando a cidade. Ninguém sabe ainda o que é melhor para o Rio mas, graças a Deus, estamos saindo do lamento e partimos para dúvidas e polêmicas técnicas e administrativas”, observa. “Precisamos de cinturões industriais nas periferias, precisamos criar algum objetivo econômico para a região, seja a desfusão, seja a criação de uma “Hong Kong” carioca, uma base financeira e cultural”, avalia. Jabor é radical: “A idéia de que há uma solução para o Rio é errada”, opina. “O Rio tem de planejar seu futuro em cima de um luto, de uma aceitação do Insolúvel”, conclui.⁶

O leitor Roberto Jevoux de Carvalho também não vê solução, mas não pensa em mobilização popular. Ao contrário, faz pouco da campanha pelo desarmamento, assegurando que há tempos não lê notícias de mortes provocadas por acidentes com arma de fogo ou por conflitos armados de motivação fútil: “De qualquer forma, não concordo em entregar a segurança de minha família e a minha própria a esta polícia que

⁴ MARQUES, Maria Silvia Bastos. “A cidade onde tudo é permitido”. In: O Globo, 19/01/2005, p. 7, Primeiro Caderno, Editoria Opinião, Seção Tema em Debate.

⁵ CASTRO, Luiz de. “Waterloo no Rio”. In: O Globo, 25/01/2005, p. 6, Primeiro Caderno, Editoria Opinião, Seção Cartas dos Leitores.

⁶ JABOR, Arnaldo. “Vamos fundar o PRJ – Partido do Rio de Janeiro”. In: O Globo, 15/03/2005, p. 8, Segundo Caderno, Coluna Arnaldo Jabor.

está aí. Insisto em poder proteger-me e aos meus, pelo menos dentro de minha residência”, diz.⁷

O caos urbano que se instalou no Rio dá lugar, ainda, ao inspirado jogo de palavras do leitor Henrique Otolini: “O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa. Não temos maremoto, mas temos morromoto. O povo sai correndo pelas areias das praias, não por causa das ondas do mar, mas por causa das balas do morro”, ironiza.⁸ Sem ironia e até com lirismo, o colunista Arnaldo Bloch expressa o orgulho que o carioca não deixa de sentir da cidade: “Cada vez que desponho na Enseada de Botafogo e começam a, delirantemente, ouvir ecos-de-eletricidade-estática-de-radinho-de-pilha-em-domingo-de-jogo-e-sol sou tomado pela estranha sensação de estar experimentando um *déjà-vu* do Paraíso”. Mas ele completa: “Um Paraíso tumultuoso em cujo fogo somos condenados a arder e cuja brisa alivia os pesares, sob o luar estrelado”, define.⁹

No Rio de Janeiro, portanto, não somente existem histórias: o Rio é feito de histórias. Os textos transcritos do jornal O Globo, por exemplo, expressam o drama que opõe duas forças. De um lado, a violência urbana e a bala perdida; de outro lado, o sujeito que insiste em fazer, da violência urbana e da bala perdida, uma questão narrativa.

⁷ CARVALHO, Roberto Jevoux. “Desprotegidos do Rio”. In: O Globo, 11/04/2005, p. 6, Primeiro Caderno, Editoria Opinião, Seção Cartas dos Leitores.

⁸ OTOLINI, Henrique. “Confusão na praia”. In: O Globo, 11/01/2005, p. 6, Primeiro Caderno, Editoria Opinião, Seção Cartas dos Leitores.

⁹ BLOCH, Arnaldo. “Vento”. In: O Globo, 28/05/2005, p. 10, Segundo Caderno, Coluna Arnaldo Bloch.